

PRESSKIT - A MULHER QUE MORREU DE PÉ

SINOPSE

Mais do que um documentário ficcionado sobre Natália Correia, "A Mulher Que Morreu de Pé" é um casting poético com atores que deambulam entre um filme e uma peça de teatro. Passa-se em lugares habitados antes por Natália e, agora, por estes atores que nos ajudam a escavar os mitos, os fantasmas, as dores nascidas na vida e na obra de Natália — uma das figuras mais importantes da cultura, literatura e política portuguesa, antes e depois do 25 de Abril.

FICHA TÉCNICA

Documentário / 113' / 2024 / Portugal

Realização e Argumento – Rosa Coutinho Cabral

Direção de Fotografia – Susana Gomes

Montagem – Francisco Costa, Rui Pedro Mourão e Rosa Coutinho Cabral

Som – Raquel Jacinto

Música – José Carlos Pontes

Montagem de Som e Mistura – Tiago Raposinho e Paulo Lima

Correção de Cor – Gonçalo Ferreira

Produção – Joana Sousa

Secretária de Produção – Beatriz Cabral

Produtora – Rosa Coutinho Cabral

Produtor Executivo – António Cabral e Leonor Cabral

Elenco – Alexandra Sargento, Carolina Bettencourt, Hugo Mestre Amaro, João Araújo, João Cabral, Joana Seixas, Leonor Cabral, Leonor Coutinho Cabral, Lídia Franco, Maria Galhardo, Mariana Pacheco de Medeiros, Milagres Paz, Paula Guedes, Soraia Chaves, Ângela de Almeida, Fernando Dacosta, Carlos Melo Bento, Victor Meireles, Sérgia Farrajota, Luís Alves de Sousa

QUEM É NATÁLIA CORREIA?

Poeta, dramaturga, romancista, ensaísta, cronista, jornalista, conferencista, deputada, oradora, editora, tradutora - Natália Correia marcou transversalmente várias gerações e identidades da sociedade portuguesa.

Na verdade, Natália cirandou por jornais, rádios, e televisões sem se encantar com essas experiências, por não lhe estar no feitio nivelar-se às securas “qualitativas” neles existentes. Porque as ideologias não lhe serviam no pé. Porque ainda não tinha morrido e já era um fantasma na cultura portuguesa. Esse foi um dos seus problemas: planar acima dos horizontes do jornalismo, da política, do pensamento, da cultura, da literatura, vigentes.

Natália escolheu sempre os que não se vergavam ao status quo. Encontrou nos surrealistas o eco do seu profundo romantismo. Odiava o país cinzento em que vivia. As suas posições, poéticas e não só, valeram-lhe a censura e inúmeros dissabores. E também o sabor da glória dos audazes.

Oriunda de uma família tradicional torna-se num vulcão da literatura portuguesa. Um arauto de causas na sociedade portuguesa.

NOTA BIOGRÁFICA

Natália Correia (1923-1993) nasceu em São Miguel, onde passou os primeiros 11 anos de vida, idade em que vai viver para Lisboa com a mãe, Maria José Oliveira, professora primária, mulher culta e antirregime, que dirige um colégio na Rua Morais Soares, em Lisboa.

Tal como a sua mãe, foi movida sobretudo pela liberdade. Mulher de espírito provocador, beleza, elegância e talento literário - estabeleceu laços com os maiores intelectuais, artistas e políticos do seu tempo. Entre eles contam-se António Sérgio, Jorge de Sena, Vitorino Nemésio, Mário Soares, Mário Cesariny, David Mourão Ferreira, Sophia de Mello Breyner, Sá Carneiro, Snu Abecassis, Vera Lagoa, Melo Antunes, Ramalho Eanes, entre outros. Desde sempre se revelou uma mulher de causas. Antifascista, fez parte de vários movimentos contra o Estado Novo, como o MUD (Movimento de Acção Democrática), lutou por Norton de Matos (1949) e Humberto Delgado (1958), e integrou a CEUD (Comissão Eleitoral de Unidade Democrática) liderada por Mário Soares. Em três décadas de vida política ativa, a par da sua experiência como escritora, viu a sua obra censurada pela PIDE e a sua profissão como editora também alvo de censura, com o seu envolvimento na publicação da Antologia da Poesia Portuguesa Erótica e Satírica, e nas Novas Cartas Portuguesas. Em 1971, o seu bar “Botequim” foi palco de importantes tertúlias onde se reuniam as figuras mais determinantes na queda do Estado Novo e, mais tarde, do Grupo dos Nove. Viveu com intensa alegria o 25 de

Abril. No entanto, até ao 25 de Novembro, o seu coração endureceu e crispou-se contra o que sentiu ser um novo aprisionamento.

Foi deputada à Assembleia da República, primeiro pelo PSD, de 1979 a 1980 e de 1980 a 1983, e depois como independente pelo PRD, entre 1987 e 1991. Foi mais conhecida como deputada, pelos programas televisivos e pelo Botequim, do que pela sua obra. Figura destemida e controversa, Natália fez parte da cena cultural e política portuguesa, foi uma mulher cosmopolita, rodeada de intelectuais, artistas e políticos que marcaram intensamente a segunda metade do século XX. No entanto, foi injustamente abandonada pelos seus pares. Amada e odiada, morreu quase sozinha no dia 16 de Março de 1993, nove dias antes da tão esperada homenagem do Governo Regional dos Açores, que chega tarde demais...

A REALIZADORA

Rosa Coutinho Cabral nasceu em 1956, na ilha de São Miguel, Açores. Licenciou-se em Sociologia, no ISCTE, e em Cinema no Conservatório Nacional. Frequentou cursos livres com Succio d'Amico, Marcia Haufrecht e Polina Klimmovitskaia. Tem uma pós-graduação em História de Arte na UNFCSH, frequentou o curso de doutoramento de Comunicação e Cultura como aluna extraordinária da UNFCSH, e presentemente prepara a Tese de doutoramento em Arte Contemporânea no Colégio das Artes na Universidade de Coimbra.

Desenvolve atividade como realizadora, argumentista, montadora em cinema, encenação, vídeo-ensaio, e artes plásticas.

NOTA DE INTENÇÕES

Neste ensaio cinematográfico quis encontrar a minha Natália: a mulher açoriana, que morreu cedo demais, sem a glória a que tinha direito. Para falar desta perda, que o país se calhar nem sentiu, e das perdas e vitórias vividas pela poetisa, antes e depois da ditadura, tinha de fazer perguntas que me permitissem encontrar a minha Natália. E o filme é, de certo modo, esta pesquisa e o modo de a fazer: como encontrar esta mulher potencialmente desalinhada, cujo motor é a liberdade? De que liberdade se trata? Como construiu aquela solidão? Como desenterrá-la? Como rememorá-la a partir do meu tempo?

Em “A Mulher que Morreu de Pé”, o presente constitui-se como uma nesga, uma brecha historiográfica, da qual espreitamos Natália, nas suas hesitações, nas suas idiossincrasias. Mas ela também nos espreita continuamente.

Trata-se de um posicionamento estético/ético/político entre castings de atores, que nos apresentam as suas Natálias, e amigos dedicados que a relembram. A persona dramatis, que potencialmente infixa desta mulher, vai-se revelando, escondendo, perturbando, olhando-nos numa pura fantasmagoria. E Natália irrompe como uma constelação de talentos geniais que ainda hoje surpreendem, assinando um gesto poético feroz, indomável, livre no real.

Este filme fez-se intensificando relações semânticas entre planos da peça, do filme e os materiais do grande arquivo Natália Correia: fotografias, imprensa, crónicas, teatro, obra ensaística e poética... O que me interessou foi suspender o intervalo entre imagens-retratos, sons-retratos, poemas-retratos e decantar uma persona dramatis que a morte não derruba: fica para sempre entre nós. Excede a encenação da pose. É a cicatriz de Natália que permite ver como se imprimiu no mundo: uma forma livre de filosofar e fundar uma metafísica que não se reduz ao sujeito, mas que vem de um lugar inenarrado, que permite ressignificar o mundo. Que é da ordem da poiesis e quer ser escrito para a posteridade nas palavras de Natália.

Filmar não é uma ação neutra, é uma questão de gosto, por isso repousa nas escolhas técnicas e artísticas a escrita deste documentário. Os planos de cinema fazem-se, experimentando-os, como a escrita se faz escrevendo. E, neste processo, não pretendo formular uma gramática, mas sim definir o tom do filme que aceite a encenação da minha intromissão no passado de outra pessoa que emerge no presente - que aceite a potencialidade mítica do real, tão ao gosto da Natália, sem perder o pé... sem perder o pé.